

volume

17

Dezembro 2011

volume

18

Dezembro 2012

ISSN 0150-2095

ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica





**Obra publicada pela
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila

Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia

Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta

Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler

Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral

Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento

Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes

Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretora: Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2011-2012

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.
1v.

Anual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

A MEMÓRIA VISUAL MATERIALIZADA ATRAVÉS DO DESLOCAMENTO ÉTNICO

Elaine Maria Tonini Bastianello*
Fábio Vergara Cerqueira**

Resumo: Este artigo examina os deslocamentos dos espaços de enterramento na cidade de Bagé/RS, até a inauguração do *Cemitério da Santa Casa de Caridade*, destacando a forma de essa sociedade se manifestar por meio do acolhimento e rechaçamento na hora do enterramento, pois é somente através destes que podemos entender a morte e o ato de morrer na sociedade. Estudar os sepultamentos realizados no *Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé* significa conhecer a mentalidade desta sociedade sobre a morte.

Bagé: uma cidade de fronteira e seus cemitérios

Em julho de 2011, a cidade de Bagé, fronteira com o Uruguai celebrou seus 200 anos de urbanidade. Nesse contexto, abordar a temática da morte e, respectivamente, seus cemitérios significa contar a história dessa cidade. Analisar o cemitério é examinar a história do cotidiano e as transformações acontecidas nessa sociedade.

A cidade teve como primeiro espaço de sepultamento a Catedral de São Sebastião¹. Além desse espaço de inumação, a cidade contou com mais três outros locais para enterrar seus mortos, mas todos esses espaços

* Graduada em História pela UFSM; Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, pela UFPel; Membro da ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais) e membro do NPHTT (Núcleo de Pesquisa Histórica Tarcísio Tabora)

** Graduado em História pela UFRGS; Doutor em Antropologia Social, pela USP; Coordenador do Laboratório de Antropologia e Arqueologia – UFPel; Professor do Mestrando em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPel; Professor do Mestrado em História da UFPel.

¹ Tanto o espaço interno como o espaço externo desta catedral, serviu como local de enterramento, mas dentro da ótica higienista da época esta edificação foi substituída por outra que ficou pronta no ano de 1863.

se tornavam pequenos, pois a cidade de Bagé se desenvolvia rapidamente com a chegada do imigrante europeu.

A Câmara Municipal sempre esteve à frente das mudanças do espaço mortuário, pois em todas as épocas foi essa instituição que deliberou sobre os cemitérios públicos. No ano de 1858, finalmente foi inaugurado o quinto espaço de sepultamento da cidade, ou seja, o quarto cemitério central de Bagé² (Figura1) que se consagrou como definitivo: o *Cemitério da Santa Casa de Caridade*.



Figura 1: Visão frontal do conjunto do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé/RS

Acervo: Fototeca Túlio Lopes, do Museu D. Diogo de Souza

Esse novo local era todo cercado por um muro (Figura1), para proteger os restos mortais que para lá fossem e, ao mesmo tempo, escamotear a morte do mundo dos vivos. Um funcionário deveria proteger o espaço dos saqueadores de túmulos. Deveria também ter uma entrada principal e uma capela com o objetivo de tornar o local sacro.

No contexto de racionalização e higienização urbana do século XIX, os cemitérios, localizados dentro da área urbana, foram deslocados do

² O *Cemitério da Santa Casa de Caridade* de Bagé é datado de 1858, sendo tão antigo quanto o Cemitério da Consolação da cidade de São Paulo. Existem outros cemitérios ativos na cidade, mas o da *Santa Casa de Caridade* continua sendo o mais procurado.

convívio com os vivos para outro espaço sepulcral, inicialmente distante, público e não mais eclesiástico. O novo espaço funerário abrigou as ossadas dos antigos cemitérios centrais, repetindo o processo ocorrido em Paris. (Foucault, 1996. Àries, 1989)

A partir de meados do século XIX, iniciou-se a separação efetiva entre a Igreja e o cemitério. Contudo, essa separação concretizou-se tão-somente com a implantação da República, quando o Estado tornou-se laico, no final daquele século. Nessas circunstâncias, percebe-se que existiu uma articulação entre a criação de novos espaços públicos fúnebres e a prevenção a doenças epidêmicas. Esse profundo deslocamento foi pensado e concretizado por intelectuais, políticos, em consonância com a mentalidade orientada pelo discurso higienista, que reurbanizava as cidades e os espaços cemiteriais através de políticas públicas com a intenção de excluir do convívio dos vivos qualquer tipo de poluente que pudesse gerar doenças. Tal mudança de atitude para com os mortos evidencia o anúncio de novos tempos, em que se priorizava a vida e não a morte. Aos mortos restou meramente o novo espaço público e o silêncio.

Estudar esses sepultamentos significa conhecer o deslocamento da mentalidade sobre a morte. Nesse sentido, as práticas de enterramento foram fundamentais quanto às transformações fúnebres, pois desencadearam uma mudança, originando os cemitérios.

O gerenciamento do *Cemitério da Santa Casa de Caridade* de Bagé, que originalmente estava a cargo da irmandade conjunta de *São Sebastião* e do *Santíssimo Sacramento*, foi passado à responsabilidade do *Hospital da Santa Casa de Caridade* local, situação que permanece até o presente (Taborda, 1973). Além de ambos terem o mesmo nome, o hospital possui uma concessão para administrar o cemitério, conforme reza o *Código de Posturas Municipal*, Livro XXI (*Dos cemitérios*), Art. 360.³

A planta baixa do *Cemitério da Santa Casa de Caridade* não pôde ser encontrada, em razão da escassez de documentos, decorrente do incêndio havido na sede da funerária responsável pela administração.

³ “Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ressalvada a concessão feita à Santa Casa de Caridade, no que se refere ao cemitério municipal desta cidade” O *Código de Posturas* é uma Lei Complementar, que deve observar a determinação da *Lei Orgânica do Município*, promulgada pela Câmara de Vereadores em 17 de julho de 1971.

O rechaçamento étnico de José Brunschvig

No ano de 1877, no *Cemitério da Santa Casa de Caridade* de Bagé, aconteceu um caso inusitado. Nessa época, a *Primeira Divisão* era o único espaço sepulcral da cidade. Um imigrante foi proibido de ser sepultado nesse local, como nos narra (ROTERMUND, 1981). Seu túmulo foi edificado fora dos muros que então delimitavam o espaço cemiterial, atrás da capela. Essa área, mais tarde, foi abarcada pelo avanço do cemitério, constituindo-se, hoje, ironicamente, um lugar privilegiado. Portanto, na época, foi uma sepultura banida do espaço oficial de inumações. Por descaminhos do destino, estando hoje ao centro, encontra-se próxima daqueles que, à época, o rechaçaram.

Esse caso de sepultamento além-muro significa que, naquele momento do século XIX, a administração do *Cemitério da Santa Casa de Caridade*, a cargo das irmandades, vedou ao falecido o direito de enterramento de seu corpo no interior do espaço sagrado. Por quê? Tratava-se de um imigrante de origem francesa, de fé judaica, chamado José Brunschvig.

O fato inesperado ocorreu na hora do sepultamento, conforme observa (Sais, 1984): “o corpo do referido cidadão, depois de cumpridas as formalidades legais e as cerimônias fúnebres, foi conduzido ao campo santo, para descanso em paz”. O pesquisador observa ainda que esse fato acarretou desagradáveis consequências:

José Brunschvig não poderia ser sepultado na necrópole, visto que, sendo judeu, um herege, um anticristão, macularia a terra do cemitério, dirigido e orientado por uma congregação religiosa (...), o corpo de José estava insepulto! Havia necessidade de uma decisão urgente e as partes concordaram. A irmandade deu a concessão de que o corpo de José - o judeu - fosse dado à sepultura do lado de fora do cemitério, além do muro que delimitava o campo santo.

Seria essa uma situação inesperada ou previsível? Na verdade, fatos semelhantes ocorreram, na mesma época, em outras regiões do país. No dia 12 de agosto de 1856, não se permitiu o enterramento do corpo do imigrante inglês Henrique Ellery no cemitério São Casimiro, no Ceará

(Batista, 2002). Apesar de ele ter professado a fé católica poucos anos antes, o vigário local não se deu por convencido, negando-lhe assim o direito ao enterro. Portanto, Ellery e Brunschvig, ambos imigrantes não católicos, em um país cuja constituição apregoava a liberdade religiosa desde 1824, não tinham direito, do ponto de vista eclesiástico, a serem enterrados no campo santo. Lembremos que era necessário que o cemitério fosse bento por um padre católico para que pudesse funcionar.

Vemos então que, mesmo após a proibição das inumações no interior e entorno dos templos católicos, que supostamente retiraria poderes da Igreja sobre a morte transferindo-os para a esfera do Estado, na prática a Igreja católica mantinha seu poder de decisão sobre as exéquias, inclusive após a data desses acontecimentos. Assim, considerava-se que judeus, pagãos, “acatólicos”, apóstatas e excomungados, além de suicidas, não mereceriam o enterramento no interior do campo santo. Procurando modificar essa realidade, em 1888, realizou-se, na capital do Ceará, o *Primeiro Synodo Diocesano Fortalexiense*, quando se expressa a preocupação para que se torne possível o enterramento de pessoas que não mereceriam a sepultura eclesiástica. (Batista, 2002)

É interessante observar que, passadas 4/quatro décadas, no ano de 1918, Jaime Mold, judeu, pôde ser enterrado no interior da Primeira Divisão, permitindo-se inclusive que afirmasse sua fé religiosa através do ícone identitário, a estrela de Davi⁴, representada sobre a lápide.

A exclusão aplicada sobre o corpo “infel” de Brunschvig pode ser analisada como uma forma de denúncia, no sentido trazido por (Valladares, 1972), de rejeição ao sepultado: “A denúncia e o protesto no túmulo é uma forma de vingança, o modo de a vingança sublimar-se uma vez realizada na pedra e cal. O cemitério significa a praça pública, o lugar ideal para a vindita perenizar-se na exprobração”. Excluir Brunschvig desse espaço público mortuário significava dar ao morto a identidade de subclasse (a exclusão da identidade hegemônica, a identidade católica) por ser excluído do espaço social em que as identidades são de certa forma, buscadas, escolhidas, construídas e avaliadas.

A exclusão do corpo de Brunschvig, um judeu, mostra-nos que, por detrás de toda a diversidade étnica contida no interior dos muros da

⁴ A estrela de Davi está para os judeus assim como a cruz está para os cristãos.

Primeira Divisão do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, pairava, acima, um sentido de profunda unidade religiosa, a fé cristã, e, mais que isso, católica, professada pelos imigrantes luso-brasileiros, espanhóis, italianos e franceses.

No entanto, essa exclusão não foi algo pacífico na sociedade da época, pois muitos defendiam o seu direito ao enterramento, tanto que seu túmulo foi encomendado por amigos seus. Esse fato gerou uma polêmica entre os que não permitiam seu sepultamento dentro do cemitério e os que entendiam que todo o corpo humano merecia ser respeitado, independente de origem étnica e religiosa. Assim, (Sais, 1984)⁵ aponta ainda que “o consulado francês deve ter sido solicitado a intervir, já que a lápide de mármore, que ainda permanece no túmulo, tem a seguinte inscrição: ‘Homenagem ao súbdito francês José Brunschvig’, falecido a 3 de setembro de 1877” (Figura 2). Essa tensão nos remete ao ambiente da Questão Religiosa, que abalou o Império, entre os anos 1872 e 1875, repercutindo em várias regiões do país, ao colocar em cheque a aliança entre o Estado imperial e a Igreja católica.

⁵ É interessante destacar que se encontra sepultado ao lado de José Brunschvig o Sr. Harry Rotermund. Sepultados lado a lado, sendo o que os separa é apenas o tempo. Rotermund não foi contemporâneo do judeu rechaçado na *Primeira Divisão*, mas este, suponho, desejou ter escolhido ser seu vizinho no espaço funerário. Seu túmulo é simples, mas como o de José Brunschvig é atípico em relação aos demais, pois seu entorno é constituído de seixos, que, segundo a tradição judaica, simbolizam a memória do morto.



Figura 2: Lápide do túmulo de José Brunschvig.

Autoria: Elaine Bastianello, 2011.

O túmulo construído para abrigar o corpo de José Brunschvig (Figura 3) é de fácil identificação, por sua sepultura ser toda branca, cercada por gradius fundidos em ferro, todo caiado. Com formatação arquitetônica exclusiva (um sarcófago em destaque), dando impressão de total solidez. O túmulo de José Brunschvig ficou conhecido como o túmulo do judeu, sendo hoje um dos mais visitados do cemitério.



Figura 3: Túmulo de José Brunschvig.
Autoria: Elaine Bastianello, 2011.

Ao mesmo tempo em que Brunschvig foi rechaçado do espaço mortuário, é interessante observar que este mesmo cemitério, na década seguinte, veio a acolher um representante de outra etnia excluída na sociedade racista da época. Trata-se do sepultamento do personagem conhecido como Preto Caxias, ao qual proporcionou-se ademais um enterramento em lugar de destaque.

O acolhimento de Maximiliano Domingos do Espírito Santo

Maximiliano Domingos do Espírito Santo ficou popularmente conhecido em Bagé pelo apelido de Preto Caxias⁶ (Figura 4). Era natural da cidade do Rio de Janeiro e veio para o Sul como soldado do 8º batalhão de infantaria, obtendo baixa do serviço do exército, por conclusão de tempo, em 1847, e fixando residência nesta cidade (Reis, 1911).

⁶ Esse apelido atribuído a Maximiliano do Espírito Santo (Preto “Caxias”) é uma referência à bondade e às virtudes do então Duque de Caxias.



Figura 4: Maximiliano Domingos do Espírito Santo⁷
Autoria: Elaine Bastianello, 2010.

Esse soldado, assim que deu baixa, “procurou aperfeiçoar-se como enfermeiro, pois tinha noções da profissão adquirida no exercício da carreira militar” (Sais, 1984). Dessa forma, passou sua vida como enfermeiro, da Santa Casa, implorando pela caridade, a fim de diminuir a dor dos carentes; ali também desempenhou a função de zelador até o final de sua vida.

No decorrer das décadas, sua dedicação foi reconhecida ainda em vida, como salienta (Sais, 1984), ao recordar o momento em que o Reverendo Bittencourt o apresentara à Princesa Isabel, dizendo: “Este é o ‘Preto Caxias’, a alma mais caridosa da região!”

O autor comenta ainda que:

⁷ O quadro de Preto Caxias encontra-se atualmente exposto numa galeria de fotos de beneméritos da Santa Casa de Caridade de Bagé. (SALIS, 1955) nos conta que esse quadro foi mandado executar por um grupo de amigos, encomendado a um artista residente em Porto Alegre, em 1876, sendo uma forma de homenagear em vida esse homem, tido como um benfeitor da humanidade.

a nobre senhora, num gesto dignificante, estende a mão ao preto escravo, e com firmeza, segura aquela mão negra de um escravo, que jamais tivera a oportunidade de tamanha afeição! Pela primeira vez na História do Brasil, um escravo, de público, há de ter sido solicitado pela magnânima Princesa a dar-lhe a mão!

Assim compreendemos o sentido do aperto de mãos⁸ representado sobre a lápide do túmulo de Preto Caxias: duas mãos entrelaçadas, (Figura 6), uma branca e a outra negra, referem-se ao aperto de mãos entre o enfermeiro negro e a princesa Isabel. Ao mesmo tempo, funcionam como um reconhecimento pelos serviços prestados em vida à sociedade. Maximiliano do Espírito Santo trabalhou sem cessar e com total dedicação aos doentes do hospital da Santa Casa de Caridade.

A importância de Preto Caxias⁹ é também marcada pela escolha do local de seu sepultamento: seu túmulo está localizado na *Divisão* mais nobre desse cemitério, destacando-se, em uma esquina, no quadrante C da *Primeira Divisão*, de catalogação nº72 e TP (terreno perpétuo), nº62. A vizinhança de seu sepulcro merece ser observada. Ao seu lado, encontramos o sepulcro do visconde de Serro Alegre e sua família; do outro lado, temos o túmulo perpétuo da família de Alexandrino Severino Franco e família. A posição de esquina é normalmente ocupada por jazidos vinculados a famílias de destaque social, como os túmulos de Francisco Iñarregui, do Visconde Ribeiro de Magalhães e do próprio General Antonio de Souza Netto. Portanto, é indubitável que a escolha do local seguiu um critério de valorização social, conferido a um indivíduo provindo de um setor social de pouco prestígio.

Passando mais de um século de sua morte, sua memória e seu

⁸ Em relação ao aperto de mãos, localizada na lápide do túmulo do Preto Caxias, constatou-se, de acordo com a Figura 5 que houve uma inversão quanto à cor das mãos se compararmos com a versão antiga do túmulo. Processo esse de troca que deve ter ocorrido durante a “reforma” do túmulo.

⁹ Preto Caxias, além de ter sua sepultura localizada em lugar de destaque na *Primeira Divisão*, também foi contemplado o seu apelido para a rua que passa na frente desse espaço de sepultamento, o que foi instituído pelo decreto legislativo nº 069, de 02/06/1958.

túmulo (Figura 5) continuam a ocupar um lugar de destaque. A aparência atual de sua edificação funerária foi transfigurada, destacando-se do entorno pelo uso de materiais atuais em relação ao conjunto original em que predominam o mármore e estruturas caídas. Esses revestimentos modernos acrescentados, que o desfiguraram do ponto de vista arquitetônico, na verdade respondem a uma ressignificação religiosa deste monumento mortuário: tornou-se ponto de oferendas, coberto por placas de agradecimentos, por guirlandas de flores, fitas e velas que uma legião de simpatizantes ali depositam agradecendo supostas graças atendidas. Constitui-se fenômeno análogo ao túmulo da cigana Terena no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

Dos túmulos inventariados para os estudos, o do Preto Caxias é a única exceção quanto ao material utilizado, pois seu revestimento é atual, empregando piso cerâmico frio, em coloração marrom telha, que destoa do branco acinzentado predominante, dos mármore e estruturas caídas. A maioria dos túmulos que foram edificados no entorno desses quadrantes, no final do século XIX ou início do século XX, empregavam na sua confecção o mármore de Carrara.



Figura 5: Túmulo pertencente a Maximiliano Domingos do Espírito Santo
Autoria: Elaine Bastianello 2010.

Percebemos também a existência de uma espécie de reverência a Preto Caxias, pois seu túmulo sempre foi local de preces e pedidos, não por parte de parentes e sim por parte da comunidade fato que a tornou a sepultura mais conhecida e visitada desse espaço.

Sua sepultura se torna atípica, no entorno deste quadrante no momento em que seu túmulo se torna o único representante de afro-descendente sepultado num espaço privilegiado desse cemitério, pois já verificamos ao relatar a exclusão de José Brunshvig que esse espaço estava reservado às famílias de projeção sócio-econômica da cidade, e, mais do que isso, àqueles que representavam a ortodoxia cultural católica. E esse era o caso do Preto Caxias, que se notabilizou pelos seus serviços de caridade cristã, diferentemente de boa parte dos negros escravos ou forros, que professariam fé de formação afro-brasileira. Portanto, uma questão não obteve resposta concreta desde o início deste estudo: onde foram ou estão sepultados os afro-descendentes contemporâneos a Maximiliano do Espírito Santo?

Conclusão

No *Cemitério da Santa Casa de Caridade* de Bagé, encontramos uma multiplicidade de etnias sepultadas na área da *Primeira Divisão*, em jazigos marmóreos. Contudo, essa diversidade étnica encontrava-se amarrada à fé, à clericalização na hora da morte, pois a Igreja católica era quem lhe conferia unidade nesse espaço mortuário.

Esses monumentos funerários erigidos à memória do sepulto, devido a sua riqueza artefactual, merecem serem salvaguardados para a posterioridade na sua integridade, pois representam o registro material de uma época.

Percebemos que Maximiliano Domingos do Espírito Santo na hora de sua inumação obteve o reconhecimento, enquanto José Brunshvig teve seu corpo rejeitado, sendo banido. Dessa forma, examinar o túmulo do Preto Caxias, ou o do Judeu implica deparar-se com a inclusão e a exclusão neste cemitério. Somente, passadas algumas décadas, José Brunshvig obteve visibilidade e reconhecimento social. Atualmente esses túmulos passaram a ser uma referência no espaço funerário do *Cemitério da Santa Casa de Caridade* de Bagé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARIÈS, P. **Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média**. 2 ed. Lisboa: Teorema, 1989.
- BASTIANELLO, E. T. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual**. Pelotas, Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, 2010 (dissertação).
- BATISTA, H. S. **Assim na Morte como na Vida**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- REIS, J. **Apontamentos Históricos e estatísticos de Bagé**. Bagé: Tipografia Jornal do Povo, 1911.
- ROTERMUND, H. **História de Bagé do século passado**. Bagé: CECOM/URCAMP, 1981.
- SAIS, J. C. **Tipos populares de Bagé**. Bagé: FAT/FunBA, 1984.
- TABORDA, T. A. da C. **O cemitério de Bagé**. *Correio do Sul*, 28 de janeiro de 1973.
- VALLADARES, C. do P. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros**. Brasília: MEC, 1972.